



INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL MAROJA NETO¹

Autora: Gabriela Montelo Costa Lemos Duarte

Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Campus Belém.

Coautora: OrmindalimaLouchard

Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Campus Belém.

Orientador: Genylton Odilon Rêgo da Rocha

Professor Doutor da faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará

Universidade Federal do Pará

gabymontelo95@gmail.com

ormindalouchard@gmail.com

genylton@gmail.com

Resumo

No presente trabalho apresenta o relato de experiência enquanto bolsistas do PIBID-Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, vinculado ao projeto “Valorização e Qualificação para a Implementação do Ensino Médio Integrado e Ensino Médio Inovador” realizada na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maroja Neto. Temos por objetivo relatar como a inclusão de dois jovens está ocorrendo na escola Maroja Neto, e discutindo a inclusão destes jovens em situação de deficiência, mais especificamente Síndrome de Down e Deficiência Intelectual (DI), na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) assim como a realidade enfrentada pelos professores diariamente, tanto da sala regular como da sala SRM, principalmente diante da escolarização inicial, como a alfabetização e letramento de tais alunos. Enquanto metodologia partimos de uma revisão bibliográfica, utilizamos Danielski (1999); Gomes (2007) e declaração de Salamanca (1994) os quais tratam respectivamente, sobre de síndrome de down, deficiência intelectual e educação inclusiva, para conhecimento do que permeiam estas três categorias, tais quais suas características mais gerais. Realizamos a observação participante no período de maio a setembro de 2017 na sala de aula regular, na sala de recursos multifuncionais (SRM) e no ambiente escolar como um todo, os dados coletados durante a observação foram devidamente registrados em um caderno de campo o qual é atualizado diariamente. Concluímos que escola promove parcialmente um espaço inclusivo, porém vemos que há um engajamento por parte de alguns professores em prol de oferecer um ensino com equidade a todo e qualquer aluno.

Palavras-Chave: Inclusão. Escola. Deficiência Intelectual. Síndrome de Down.

Introdução

Trata-se de um trabalho que versa sobre questões acerca da inclusão escolar de alunos em situação de deficiência, onde iremos fazer o relato de experiência, sendo resultado de três meses de observação participante das atividades realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maroja Neto, localizada no município de Belém, que deu início a partir da inserção das bolsistas no projeto de ensino “Valorização e Qualificação para a Implementação do Ensino Médio Integrado e Ensino Médio Inovador” coordenado pelo professor Fabrício Carvalho, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa INCLUDERE. Financiado pelo PIBID-CAPES.

¹ Trabalho vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre Currículo e Formação de Professores na Perspectiva da inclusão – INCLUDERE, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID - CAPES



Diante disso, o artigo será desenvolvido tendo como objetivo relatar os resultados das experiências do acompanhamento de dois jovens, sujeitos dessa pesquisa, com deficiência intelectual chamado aqui pelo nome de Carlos² e síndrome de down chamado Itachi³; discutir a partir de uma fundamentação teórica o processo de inclusão nos espaços escolares e das deficiências descritas acima e, por fim, socializar os resultados parciais do plano de trabalho. Assim como relatar a realidade presenciada pelas bolsistas em sua atuação na sala de aula regular da escola acima citada e o apoio da sala SRM provendo de recursos e atividades que possibilitem condições de permanência desse aluno.

Material e método

A primeira etapa deste trabalho partiu do levantamento bibliográfico como viés para que tivéssemos condições de discorrer sobre o assunto de maneira coerente, acerca dos temas: educação inclusiva, deficiência intelectual (DI) e Síndrome de Down. Tivemos a oportunidade de fazer leitura de obras que tratam da inclusão, disponibilizados pelo MEC de Gomes et al (2007) sobre deficiência intelectual, a contribuição de Danielski(1999) sobre síndrome de down, e de outros documentos, como a declaração de Salamanca (1994), os quais sustentam e asseguram a permanência desses jovens.

Enquanto bolsistas do projeto, realizamos a observação participante, em salas e com discentes diferentes, três vezes na semana, constituídas de 4 horas por dia, durante o primeiro semestre de 2017. No que se refere à observação participante é importante destacar a importância deste método para a compreensão dos sujeitos desta pesquisa na sua realidade, no convívio diário de sua vida escolar. Nesse sentido, de acordo com Minayo (2002, P.59) tal técnica “se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para manter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.” Assim, colocando o pesquisador no meio da comunidade que ele está estudando, durante o período da pesquisa. Os dados coletados foram registrados e atualizados diariamente com as observações relevantes sobre os alunos e sobre o ambiente escolar em que se inserem, logo, utilizamos um caderno como instrumento essencial para esse tipo de pesquisa, o qual “é feito no momento em que esta ocorre e pode assumir diferentes formas. A mais frequente consiste na tomada de notas por escrito ou na gravação de sons ou imagens.” (GIL, 2008. p.105).

² Nome fictício

³ Nome fictício



Resultados e Discussão

Para os fins deste trabalho que aqui apresentamos, faz-se necessário discutir três categorias importantes para a compreensão do que realmente está sendo tratado nele, a partir de um embasamento teórico, destacando o conceito de educação inclusiva, deficiência intelectual (DI) e síndrome de down.

Dessa forma, partimos da concepção da Declaração De Salamaca (1994, pág.5) a qual apresenta “a perspectiva de que todas as crianças possam aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter, apostando em arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com as comunidades para o enfrentamento desse desafio”. Logo, a educação inclusiva acontece no momento em que contemplam todas as partes, respeitando as diferenças e os níveis de aprendizados apontados pelos jovens. Salientamos que esse é um processo a longo prazo, o qual exige do professor, do corpo técnico da escola respeito e dedicação.

A deficiência intelectual se enquadra na educação especial, uma vez que demonstra um tipo de restrição mental, limitações que dificultam o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Dessa forma, segundo Gomes et al (2007, pág.16) “O aluno com deficiência mental tem dificuldade de construir conhecimento como os demais e de demonstrar a sua capacidade cognitiva, principalmente nas escolas que mantêm um modelo conservador de ensino e uma gestão autoritária e centralizadora.”

Por isso a necessidade do atendimento educacional especializado nas escolas de ensino regular, como complementar ao ensino do educando com deficiência, sendo utilizados materiais adaptados, fugindo da ideia abstrata inseridas no ensino comum das escolas. De acordo com Gomes (2007, pág.22) é um local em que “Esse atendimento existe para que os alunos possam aprender o que é diferente dos conteúdos curriculares do ensino comum e que é necessário para que possam ultrapassar as barreiras impostas pela deficiência” Há um grande equívoco quanto o real papel do atendimento especializado, pois as famílias e docentes das salas regulares entendem como um lugar de reforço do assunto que foi repassado durante as aulas, quando na verdade, é uma maneira de auxiliar no desenvolvimento e superação das dificuldades desses alunos.

No que tange a Síndrome de Down, de acordo com o Danielski (2001, pág.13) “é caracterizada por um variável grau de retardo no desenvolvimento motor, mental, físico e psíquico” Comprendemos a importância do conhecimento de obras que discorrem sobre tais



deficiências e seus comportamentos e características, para melhorar a atuação realizada diariamente nas escolas, bem como as variações destas características de cada sujeito, é importante entender as particularidades dos alunos de forma individual. Segundo Danielski(2001, p.16) um possível método para fortalecer a absorção das informações seria que “para entender o significado de um gesto, movimento, som, a criança com Down, ainda mais do que uma criança normal, necessita que isso lhe seja transmitido com uma forte carga afetiva”

O aluno Carlos, está na 3º etapa da EJA, diagnosticado com DMU, incluso ai a deficiência intelectual, possuindo, estando matriculado e frequentando regularmente a escola citada nesse trabalho. O aluno tem 34, faz o atendimento na sala de recursos multifuncionais (SRM) acompanhado de um professor que se disponibiliza em ajudá-lo, muito embora Carlos se recuse a participar dos atendimentos. Durante as observações, frequentamos um espaço em que teoricamente acontece educação inclusiva, mas que na realidade proporciona parcialmente alguns benefícios para os estudantes. Arquitetonicamente, a escola apresenta várias mazelas, em estado de deterioração, o que prejudica a mobilidade e permanência de alguns alunos.

Percebemos que Carlos tem potenciais que costumam estimular quando estamos em sala, sabendo que ele tem facilidade com assuntos da matemática, sempre que posso utilizo alguns recursos, como o material dourado, para ir explicando questões como soma e subtração, e sempre tenho bons resultados, mas ressalto que este é um trabalho que faço repetitivamente, mesmo porque alunos com DI precisam desse método, inclusive da presença de materiais concretos para que possam absorver o conteúdo ministrado. Vejo que as maiores dificuldades dele está no letramento e oralização, no inicio tinha dificuldade em manter a comunicação, hoje, consigo compreender o que diz. No que tange a relação entre a docente e os alunos da sala regular, percebo que a didática dela não contempla a real necessidade deles, uma vez que na sala em que estou lotada, está concentrado um número significativo de educandos em situação de deficiência, percebe-se ai a necessidade de adaptação curricular. As observações realizadas têm dado condições para captar as necessidades de Carlos e executar algumas atividades as quais o mesmo tem interesse.

O aluno aqui chamado de Itachi possui Síndrome de Down a qual é prescrito em laudo entregue a escola, tem 27 anos de idade, está na 2º etapa da EJA, o aluno não faz acompanhamento na sala de recursos multifuncionais, pois este atendimento é realizado na entidade filantrópica PESTALOZZI, no entanto o aluno frequenta diariamente a SRM em que



podem ser realizadas algumas atividades. Durante o período em que foi feita as observações, pode-se perceber algumas características do aluno, como ser carinhoso, com todos a sua volta, tanto os colegas de classe, como sua professora e professora da SRM, é um aluno que se cansa rapidamente se for lhe dado uma tarefa repetitiva (cobrir, pintar, por exemplo) se lhe for imposto algo que discorda ou não quer fazer, muitas vezes é necessário uma certa adulação ou tem que ser proposta de uma maneira mais atrativa, alegre pra ele. Itachi tem um comprometimento na fala, e mental, o aluno teve avanços significativos no seu comportamento e interação social, porém reconhecemos um grau de dificuldade no que diz respeito ao progresso de alfabetização, coordenação motora fina e escolarização como um todo. A professora da sala de aula regular lhe propõe atividades um tanto infantis, principalmente em relação a sua idade, mas, traz resultados importantes, e se pôs a disposição de cooperação, dicas, exemplos de atividades que podíamos lhe recomendar para a mudança dessa realidade.

Conclusão

Observamos a dificuldade de pesquisas sobre a educação especial no que diz respeito a educação de jovens e adultos, como atividades e propostas que possam ser inseridos na escola e posto em prática com os alunos, principalmente quando se trata de alfabetização e letramento, a maioria dos materiais encontrados são infantis, o que não nos interessa em quanto os alunos são jovens e adultos, portanto, com certa dificuldade procuramos adaptá-los de maneira a atender suas respectivas idades.

As atividades realizadas na escola proporcionam um contato importante, não apenas para que possamos compreender a estrutura de uma escola como parte integrante que faz acontecer a inclusão escolar, mas principalmente no que diz respeito ao aspecto pedagógico. Claro que, diante do que entendemos por educação inclusiva, a escola promove parcialmente a inclusão, pelo fato de alguns eventos envolverem somente os alunos das salas em que estamos lotadas. E por não haver matrícula de alunos “normais” nestas salas e quando há constitui um número pequeno em relação aos alunos em situação de deficiência.

O envolvimento das bolsistas está sendo de grande importância para o acompanhamento e auxílio de vários alunos, concomitante com a atuação do professor, uma vez que com essa parceria podemos alcançar bons resultados.

Referências

DANIELSKI, Vanderlei. **A síndrome de Down: uma** contribuição à habilitação da criança Down. 2. Ed. – 2001.



____ DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; MINAYO; Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. acesso em: 03.10.2017

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf> acesso em: 24.09.2017

GOMES, Adriana L. Lima verde; FERNANDES, Anna Costa ; BATISTA, Cristina Abranches Mota; SALUSTIANO, Dorivaldo Alves; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; FIGUEIREDO, Rita Vieira de. **Formação Continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado: deficiência mental**. SEESP/SEED/MEC, Brasília: 2007 disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dm.pdf acesso em: 24.09.2017

Projeto Escola Viva - **Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola** - Alunos com necessidades educacionais especiais, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, C327 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000449.pdf> acesso em: 24.09.2017